

Fernanda dos Santos Trindade¹

Editora-gerente

Prezados (as) leitores (as),

Prazerosamente encerramos mais uma edição do periódico Em Tese, publicação v. 19 n. 2 (2022), o dossiê “Estudos sociais de inovação”. A revista Em Tese é administrada pelos discentes pós-graduandos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina e tem como foco a divulgação de produções científicas inéditas de artigos (temáticos ou de fluxo contínuo), ensaios, resenhas, entrevistas e traduções.

Tendo em vista que esse dossiê recebeu poucas submissões e que apenas dois artigos foram aceitos para publicação, além de uma resenha, uma tradução e uma entrevista que foram viabilizadas pelos organizadores, optamos por configurá-lo como uma seção especial sobre “Estudos sociais de inovação”. Acreditamos, portanto, ser um tema ainda incipiente nas ciências sociais o que atribui enorme importância para os artigos aqui publicados, de maneira que oportunizamos o debate e as abordagens sobre o assunto que, sem dúvidas, integra uma agenda de pesquisa significativa nas ciências sociais em diálogo com outras áreas do conhecimento. Esperamos, dessa forma, que essa edição sirva de inspiração para futuras produções no campo de *Innovation Studies*.

Para além do avanço tecnológico e do setor privado, o termo “inovação” recebe contornos mais refinados que suplantam uma noção vinculada apenas aos resultados econômicos favoráveis. Visando uma contrapartida à noção schumpeteriana de “inovação”, vinculada ao desenvolvimento econômico e de avanço tecnológico, pesquisadores sociais têm aprofundado abordagens que englobam processos sociais ligados ao modo de produção capitalista e a fatores institucionais e relacionais que promovem mudanças na sociedade.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciências Política da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGSP/UFSC). Editora-gerente da Revista Em Tese. E-mail: fernandatrinidade94@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3252-7272>.

O termo “inovação” e seu caráter multifacetado é disputado pelos mais diversos grupos sociais de interesses difusos e diferentes áreas do conhecimento. Contudo, sua proeminência nas Ciências Econômicas é reconhecida ao mesmo tempo que também é atestado que o termo acaba se limitando às questões de ordem econômica, quando usado exclusivamente para atender à competitividade do mercado. Abordada de maneira latente nas Ciências Sociais, a inovação aparece tacitamente nos clássicos da Sociologia - Durkheim, Marx e Weber - quando estes buscaram investigar as transformações que ocorreram na sociedade moderna e a (des) integração do tecido social resultante do modo de produção capitalista. Segundo Andrade (2005, p.146), isso acontece pois estes “se ocuparam da problemática tecnológica, discutindo seus impactos nas relações sociais e nas formas de exploração do trabalho, mas frequentemente se esquivando de debater o fenômeno técnico em si mesmo e a questão da inovação”.

Certos de que os holofotes da preocupação científica estavam direcionados para o momento eleitoral extremamente polarizado que vivenciamos entre os meses de outubro e novembro do ano de 2022, a publicação dessa edição tem uma simbologia de toda especial, pois evoca discussões imprescindíveis para gestores públicos e para formulação de políticas públicas, por exemplo. Ainda, não podemos esquecer acontecimentos dos anos antecedentes, tal como a crise sanitária sem precedente que acometeu o mundo com a pandemia de Covid-19 que, se não fosse a inovação associada ao desenvolvimento científico, talvez não chegaríamos a respostas para sua superação em tempo recorde².

Produções referentes à relação entre Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I)³ estão longe de ser esgotadas, sobretudo na esfera acadêmica uma vez que, sob influência do neoliberalismo - potencializado no último governo federal -, práticas como privatizações e desregulamentações fizeram parte de uma agenda de governo durante quatro anos como sinônimo de inovação. Por isso, ressalta-se a importância de estabelecer espaços de debates, entre eles a IV Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, realizada

² Para saber mais sobre vide o artigo “Ciência e Tecnologia frente à pandemia: Como a pesquisa científica e a inovação estão ajudando a combater o novo coronavírus no Brasil e no mundo”, disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/182-corona>>

³ Trinômio que, além de ser previsto na CF/88 nos artigos nº 218 e 219, nomeia um órgão de administração federal que tem como competência: formular políticas nacionais de ciência, tecnologia e inovação; planejar, coordenar, supervisionar, monitorar e avaliar as atividades de CT&I; propor políticas de transformação digital e de desenvolvimento de automação; elaborar a política nacional de biossegurança, espacial, nuclear e de controle da exportação de bens e serviços sensíveis e articular os diferentes níveis institucionais (Estado, DF e municípios) no estabelecimento de diretrizes para as políticas nacionais de CT&I (BRASIL, 2023).

em 2010⁴, como forma de consolidar políticas de Estado dedicadas ao fomento e ao desenvolvimento de CT&I em conjunto com a sociedade (instituições de ensino superior, setor empresarial, entidades de categorias profissionais e do terceiro setor etc). No entanto, para que esses debates atendam não somente as leis do mercado, é necessário termos conhecimento sobre como a inovação é entendida sociologicamente para que, assim, possamos disputar alternativas que beneficiem a coletividade.

Sendo assim, a temática da inovação inserida em uma dimensão sociológica é abordada por Andrade (2005) que realiza uma breve revisão bibliográfica sobre a contribuição de alguns sociólogos⁵ e suas abordagens sobre o tema, assim como as problemáticas que permeiam essa linha de pesquisa conhecida como “Sociologia da inovação”. O autor, ainda, explora dois argumentos basilares sobre o debate da inovação nas ciências sociais: o primeiro, sobre a inserção de novas variáveis na análise de processos inovativos; o segundo, a indeterminação como componente central positivo para a dinâmica do processo inovativo.

O primeiro argumento diz respeito à necessidade de superação da perspectiva schumpeteriana de inovação e dos modelos tradicionais - Hélice Tripla⁶ e Sistema Nacionais de Inovação que, por exemplo, entendem a inovação como sinônimo apenas de transformações tecnológicas e desenvolvimento econômico voltada somente para o setor produtivo, principalmente a atividade industrial. Esse tipo de abordagem vincula a inovação às leis do mercado e da macroeconomia, em razão disso apresenta problemas metodológicos uma vez que analisa o processo de inovação de forma apenas quantitativa, linear e determinista. Portanto, insuficiente em termos sociológicos, já que não explica a gênese e o desenvolvimento que são essenciais para o entendimento do fenômeno da inovação.

⁴ De acordo com o Livro Azul da 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável, o evento reuniu mais de 4 mil participantes e organizou suas discussões com base nas prioridades do Plano de Ação em CT&I para o Desenvolvimento Sustentável: “Também conhecido como o PAC da Ciência, marcará a história da CT&I no País não apenas pelo êxito em sua execução, mas também por conta de suas qualidades e pelo processo coletivo que caracterizou sua elaboração. Constitui instrumento de ação do Governo Federal como um todo, executado em forte articulação com os Estados da Federação e com as principais entidades e associações científicas e empresariais” (2010, p. 18).

⁵ Andrade (2005) analisa as abordagens sobre o conceito de inovação a partir das investigações de Bruno Latour (estuda o projeto de construção do metrô Aramis em Paris), Maria Lúcia Maciel (pesquisa o Milagre Italiano, o *sorpasso*) e Manuel Castells (investiga a ascensão e a queda da Cidade Digital em Amsterdã. Trata-se de um projeto inspirado em redes comunitárias que criou a metáfora da cidade como interface para interação com os usuários).

⁶ Para saber mais sobre o modelo “Hélice Tripla” recomenda-se a leitura de Etzkowitz e Zhou (2017), disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/4gMzWdcjVXCMp5XyNbGYDMQ/?format=pdf&lang=pt>>

Com a transformação do tecido social, a partir dos anos 1950, marcado como a era da informação⁷, houve também uma mudança no enfoque analítico para a compreensão das práticas inovativas. Em 1970, cientistas sociais adentram o debate sobre inovação e propõem abordagens que priorizam a articulação entre “tecnologia, economia e vida social de uma maneira diferenciada e aberta, distante do padrão que relaciona a inovação tecnológica exclusivamente ao setor produtivo” (ANDRADE, 2005, p. 150). Nesse sentido, fatores culturais, estéticos e socioeconômicos, criação de arranjos institucionais e administrativos plurais e criativos, aspectos intangíveis das relações sociais são exemplos de alguns elementos considerados na análise feita por Maciel (1996,1997) no seu estudo sobre ambientes de inovação⁸. Evidenciando que

(...) a capacidade inovadora de uma empresa ou de uma nação não depende pura e simplesmente de sua capacidade econômica de investir em novas tecnologias nem da de seus dirigentes para elaborar estratégias econômicas adequadas, e sim da capacidade social, cultural e política de aplicar produtivamente e aproveitar socialmente os recursos - materiais e imateriais - disponíveis (MACIEL, 2001, p. 19).

O segundo argumento, referente à inovação, se contrapõe à noção determinista do processo inovativo defendida pela tradição econômica que alega que o planejamento e o controle são imprescindíveis para o avanço tecnológico. Andrade (2005) aponta como a indeterminação, a imprevisibilidade e a incerteza, características da sociedade contemporânea, tornam-se garantia de originalidade e possibilidades, tanto de articulações entre diferentes atores e interesses que disputam os rumos do processo inovativo como de descobertas e utilização de produtos tecnológicos já existentes para outros fins. O caráter qualitativo se sobrepõe ao quantitativo. Afinal, “as relações são mais fundamentais do que as coisas” (ANDRADE, 2005, p. 154).

Outras discussões também integram a agenda de pesquisa sobre inovação nas ciências sociais, no entanto, devido a limitação que a escrita do editorial impõe, restrinjo-me a tecer apenas algumas noções, certa de que as contribuições da edição especial conseguirão suprir essa lacuna. Por isso, a partir dos próximos parágrafos apresenta-se brevemente os artigos, resenha, entrevista e tradução temáticos, bem como os artigos de fluxo livre (muitos deles remanescentes do dossiê “Horizontes do pós-colonial”).

⁷ Para saber mais sobre a “Era da informação” vide: “A sociedade em rede” de Manuel Castells (1999).

⁸ “Ambiente de inovação refere-se, portanto, ao conjunto de fatores políticos, econômicos, sociais e culturais que estimulam ou dificultam a inovação” (MACIEL, 1997, p. 109). Para saber mais sobre a noção de inovação desenvolvida por Maria Lúcia Maciel sugere-se a leitura de “Milagre italiano: caos, crise e criatividade” que a socióloga investiga o fenômeno do *sorpasso* italiano.

O artigo que abre a edição especial, *“Uso das redes sociais, valores democráticos e confiança institucional no Brasil”*, escrito por Bruno Mello Souza e Maria Antonia Vieira, investigou a influência das redes sociais na política contemporânea brasileira, sobretudo no que concerne aos valores democráticos dos usuários e da (des)confiança destes em relação às instituições políticas do país. Na sequência, o artigo *“Uma nova lógica de orçamento impositivo e um novo molde de orçamento participativo: o caso do orçamento legislativo participativo de Florianópolis (OLP)”*, escrito por Franciele Boeira Cateano, que foi submetido para a seção de fluxo contínuo, mas que devido seu escopo passou a integrar a seção especial do periódico. A pesquisa apresenta um estudo de caso sobre o Orçamento Participativo (OLP) de Florianópolis/SC através da perspectiva neoinstitucionalista analisando seus elementos e desenho institucional que a qualificam como uma inovação democrática.

As contribuições submetidas pelos nossos organizadores contam com resenha, entrevista e tradução, respectivamente. O autor Rodrigo Campos Dilelio nos brindou com a resenha *“A economia da colaboração de Francesco Ramella e Cecilia Manzo: uma análise ambivalente do presente, para um futuro incerto”*, do e-book *“The economy of collaboration: The new digital Platforms of Production and Consumption”*, publicado em 2021. Na publicação seguinte, os sociólogos Rodrigo F. Wolffenbüttel, Robson R. de Souza Júnior e Sandro Rudit Garcia entrevistaram a professora Flávia Luciane C. de Mello da Universidade Estadual de Campinas. Dr^a Flávia é especialista na área de estudos sobre CT&I pelo prisma das ciências sociais, sobre tópicos como o emprego de mulheres em P&D industrial, as montadoras estrangeiras e o desenvolvimento de tecnologias no País, as cidades inteligentes e as demandas locais, e as transições para o uso de veículos elétricos na mobilidade urbana sustentável. A tradução, elaborada por Rodrigo F. Wolffenbüttel, do paper escrito por Jan Fagerberg da University de Oslo e intitulado como *(Im)possible Mission? The role of innovation (and innovation policy) in supporting structural change & sustainability transitions*, encerra a edição especial do “Estudos sociais de inovação”.

Fechamos a edição com um número considerável de artigos de fluxo contínuo, a maioria deles remanescentes do dossiê anterior. São eles: *“É Angola ou regional? Os estilos de capoeira como estéticas da diáspora Africana”* fruto da pesquisa realizada pelo pesquisador Ettore Schimid Batalha. Posteriormente, o artigo escrito por Cláudio Renato dos S. Souza nomeado como *“Posse e alienabilidade da terra nas relações de produção da verdade em Timor-Leste”*. Logo, três artigos que tratam do contexto brasileiro:



“Epistemologias marxistas “do lado de cá da linha abissal” para compreender a realidade urbana brasileira” elaborado por Nei Alberto Salles Filho e Diego de Paula

Finalizando a seção de artigos de fluxo contínuo temos *“O lugar das políticas sociais no estado capitalista”* de Wagner Rolf Bencke, seguido pelo artigo *“A recepção do fascismo no Cordel-Jornal “Mussolini: o ditador” de Arinos de Belém”* escrito por José Augusto Marques de Souza e Diego Ramon Souza Pereira.

Por fim o ensaio *“O Brasil na modernidade e a modernidade no Brasil: atualização do discurso de dominação”* elaborada por Vinicius Ramos Lança e a resenha crítica, elaborada por Kall Lewis Barroso Salles e Maria Eduarda Nascimento Ribeiro, da tradução do espanhol para o português do livro *“El ruido de las cosas al caer”* de Juan Gabriel Vásquez, encerram a contribuição na modalidade de fluxo contínuo do nosso periódico.

Diante do que foi aqui exposto, a equipe editorial da Em Tese agradece todas as contribuições dos autores e avaliadores que, sem dúvida, são de extrema importância para que nossa revista possa prosseguir prezando pela qualidade da produção científica no Brasil, especialmente, na área de ciências sociais. Assim, esperamos que com essa publicação possamos contribuir para avanços no campo científico, especialmente na temática *“Estudos sociais de inovação”* que integrou a edição especial desta edição, bem como promover a reflexão e auxiliar na elaboração de investigações futuras.

Pedimos desculpas pelo atraso na publicação desta edição e informamos que no decorrer deste ano a gerência da Revista esteve envolvida em reunir esforços para participar do Edital nº 21/2022 de Programa de Apoio e Incentivo à Consolidação de Periódicos Científicos da FAPESC, o qual fomos contemplados com o valor de R\$ 9.900,00, recurso que será aplicado para melhorias no periódico. Agradecemos ainda a disponibilidade e atuação da nossa nova editora-chefe, a professora Thaís Lapa, que aceitou o desafio de se juntar a essa empreitada. Enfim, o ano de 2023 é um ano emblemático para os (as) pesquisadores (as) brasileiros (as), pois completa dez anos sem reajuste das bolsas de pós-graduação⁹, sabemos todos (as) dos obstáculos em nos mantermos ativos e persistentes na luta pela valorização científica e das dificuldades que cada um de nós enfrenta para termos o mínimo necessário para condições de trabalho dignas. Seguimos combativos frente ao negacionismo!

REFERÊNCIAS

⁹ Vide em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/12/bolsas-de-pos-graduacao-completam-uma-decada-sem-reajuste.shtml>>



ANDRADE, Thales de. Inovação e Ciências Sociais: em busca de novos referenciais. **Revista RBCS**, v. 20, nº 58, jun, 2005.

Livro Azul da 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável – Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia/Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2010.

MACIEL, Maria Lúcia. **O milagre italiano**: caos, crise e criatividade. Brasília, Paralelo 15, 1996.

MACIEL, Maria Lúcia. “Hélices, sistemas, ambientes e modelos: os desafios à sociologia da inovação. **Sociologias**, ano 3, 6: 18-29, 2001.

